

lourençalou



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br www.editorapenalux.com.br

> EDIÇÃO França & Gorj

REVISÃO Paulo Bentancur & Rose Nin

CONCEPÇÃO GRÁFICA Dáblio Jotta

CAPA E DIAGRAMAÇÃO Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L886e

LOU, Lourença. 1953-Equilibrista / Lou Lourença. -Guaratinguetá, SP: Penalux, 2016.

140 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-026-8

1. Poesia I. Título.

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Entre o Sol e as Sombras

A poesia lírica brasileira até meados do século passado, principalmente em se tratando de produção feminina, era tradicional: suave e melodiosa. Um dos grandes nomes representativos dessa tendência é Cecília Meireles, cujo teor é definido por Ana Cristina Cesar como constituído por uma "concepção fluídica de poesia". A "Geração de 70", desenvolvendo temas anteriormente considerados prosaicos, interconectou a produção poética feminina aos debates contemporâneos e se insurgiu contra a imagem do universo rosicler da mulher: Alice Ruiz, Ana C., Isabel Câmara, Xênia Antunes, e eu própria acrescentamos novas modalidades ao gênero, não só através de um olhar diferente, como também ampliando a perspectiva que se tinha do que fosse lirismo, tornando-o polifônico e agridoce. A estas transformações sucedem-se outras, até hoje: o lírico continua sendo mexido e enriquecido por novas propostas estilísticas, como no caso desta obra: *Equilibrista*. E o quê esta autora equilibra?

Metáforas. "Ora" – direis –, "mas até aí nada demais, porque a linguagem metafórica é inerente à poesia". Concordo, porém nem todos os poetas usam-na com inventividade; ao contrário, ela é comumente a erva daninha responsável

por expressar chavões, clichês, vulgaridades, lugares-comuns e estereótipos cristalizados. Aqui, porém, as metáforas que Lourença Lou equilibra apresentam, de um lado, preciosos *insights* com analogias instigantes e surpreendentes; do outro, a habilidade de quem atinge o preciso centro de um alvo. Seus tropos sublinham a ironia sutil e/ou o jogo polissêmico de sentidos, sem diluir ou esgarçar os efeitos de impacto. Cito três exemplos significativos: "alguns dias não foram feitos para nascer"; "permanecer casmurro / sonhando capitu"; "do lado de cá do espelho / a bela adormecida / embebeda-se de sonho / e dedilha alucinadamente / o fio da navalha".

Insisto neste aspecto, porque nele repousa o preciosismo da proposta estética de Equilibrista: não são metáforas piegas, passivas, água-com-açúcar ou banais as que lemos; são imagens que ensejam comparações e analogias inusitadas dentro do contexto de um cotidiano pouco afeito a elas. Daí criarem a permanente sensação de estranhamento que espanta e encanta, ao mesmo tempo. Em Ciclos: "às vezes / amar é viver estranhezas (...) às vezes / estranheza é viver sem se cortar"; em À meia-luz: "mato-te para dar vida a mim"; em Bicho de gaiola: "liberdade é costurar sobrevivências / em rede de proteção"; em Cata-ventos: "fiquei tarde demais"; em Passagem: "de inclinado / restará o galho / na memória das sementes"; em Ocaso: "por vezes a tarde desbota (...) por que deram às minhas tardes / uma tábua de salvação?"; em Fenomenologia: "como acender a lua / num céu que desistiu de brilhar?"; em *In picture*: "na pare-

de / cadeados celebram a falta de portas"; em Emanações do ser: "tenho fomes / e só presto para o uso geral e irrestrito / do anormal dos anos que ainda me gritam"; em Quase-epifania: "(...) e nós / seremos os eternos sísifos / carregando a pedra / das cicatrizes". Esta efusão metafórica na poesia de Lourença Lou é artefato, e não artifício usado apenas em esparsos e determinados momentos; é parte constitutiva do próprio processo criativo e, sendo assim, completa, sem transbordar; desabrocha o texto, em vez de murchá-lo; amplia a interpretação dos sentidos figurados, sem esvaí--los; transita em uma arriscada corda bamba esticada sobre penhascos, entre a luz ofuscante do sol e as hipnotizantes sombras do abismo. Criar imagens é fácil; bem mais difícil é acariciá-las, sem adocicá-las; e eis que a autora, além de contrabalançá-las, contradança com elas. O produto final é uma poesia de estilo sofisticado, sem ser hermético; sóbrio, sem ser monótono; aveludado, sem ser pueril. Uma bomba-relógio embalada para presente em finíssimo estojo de joias, e acompanhado de um cartão elegantemente escrito a mão: pede-se não desarmá-la e apreciar a detonação.

sexo-relógio

quando nasci um anjo instalou em mim um milhão de bombas em prontidão metade delas destinou-se a incitar meu paladar em efeito cascata

a outra metade é só explosão.

Eis o exercício a que a poesia de Lourença Lou se dedica, ao andar pelo fio de arame farpado dos sentimentos: encontrar o delicado e frágil equilíbrio entre a confiança, a tensão, e o perigo. Sem pressa. Sem afoiteza. Com cuidado, sensibilidade, técnica e arte.

Leila Míccolis

Escritora de livros, de TV, de teatro, de cinema, Mestra, Doutora e com Pós-Doutorado em Letras/Teoria Literária (UFRJ).



de como se aprende a ler poesia

antes
eu buscava explicação
para o que lia
como se o que ele escrevia
fosse carta
ou bilhete premiado

sempre achava que era eu a sorteada até ele virar prêmio de outra novidade

hoje
não busco as suas entrelinhas
busco a beleza das imagens
onde o poeta se deita
e se cobre
e se esconde
do que nunca soube sentir.



www.editorapenalux.com.br

- loulourenca@gmail.com
- f /lobabhz